

# ENTRE O DIVINO E O NARCISISMO: REFLEXÕES SOBRE RELIGIÃO, AMOR E DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS

*Data de aceite: 02/05/2024*

### René Dentz

Psicanalista; Professor da PUC-Minas e da FUPAC-Mariana. PhD. Université de Fribourg/Suíça

**RESUMO:** Este texto aborda a complexa interseção entre religião e narcisismo, explorando perspectivas do filósofo cristão Jean-Luc Marion, do Papa Francisco e do psicanalista Christopher Lasch. Marion desafia concepções tradicionais, destacando a revelação divina como incondicional e misteriosa, contrastando com a mentalidade narcisista contemporânea. O Papa Francisco enfatiza a importância da misericórdia divina e convoca os fiéis a praticarem gestos de generosidade. Lasch critica a cultura narcisista, apontando seu impacto nas relações sociais e na busca por prazeres passageiros. A reflexão explora as nuances do narcisismo na sociedade consumista, destacando a superficialidade das relações e a busca incessante por autoafirmação. A felicidade, muitas vezes procurada de forma egocêntrica, torna-se o equivalente moderno da salvação. A análise revela a dificuldade de construir pontes genuínas entre o eu e o outro, desafiando o

apelo do Papa Francisco para a construção de uma “cultura do encontro”. A segunda parte do texto aprofunda a interseção entre teologia e psicanálise, destacando a importância da subjetividade e da escuta na compreensão da condição humana. A reflexão culmina na necessidade de uma teologia que considere a corporeidade pulsional e vulnerável da pós-modernidade. O cuidado pastoral, inspirado na mística da Encarnação, é apresentado como uma abordagem honesta diante das armadilhas do narcisismo, promovendo uma resistência baseada na escuta e na esperança. Em última análise, o texto propõe a construção de uma sociedade mais justa e humana através da busca pela gratuidade divina e da sabedoria do amor, desafiando a cultura narcisista predominante.

**PALAVRAS-CHAVE:** Narcisismo; Encontro; Amor; Gratuidade; Paradoxos.

### INTRODUÇÃO

A complexa interseção entre a religião e o narcisismo revela-se como um campo fértil para a compreensão da dinâmica humana contemporânea. O filósofo cristão Jean-Luc Marion desafia

concepções tradicionais ao argumentar que a revelação divina ocorre de maneira incondicional e além de qualquer lógica previsível. Deus, segundo Marion, doa-se sem limites, convidando-nos a um encontro pessoal e misterioso com o divino. Essa visão contrasta com a perspectiva narcisista prevalente na sociedade atual, onde o indivíduo é muitas vezes guiado por uma busca incessante por autoafirmação, consumismo desenfreado e satisfação imediata.

O Papa Francisco, adotando uma abordagem pastoral, destaca a importância da misericórdia e do amor incondicional de Deus, manifestados especialmente no perdão, na compaixão e na busca pela justiça social. Ele convoca os fiéis a serem agentes dessa gratuidade divina, estendendo-a aos outros por meio de gestos de generosidade e solidariedade. A religião, portanto, emerge como um chamado para promover uma cultura do encontro e acolhimento, desafiando a mentalidade narcisista que permeia a sociedade contemporânea. Christopher Lasch, renomado psicanalista, entra na discussão ao analisar a cultura narcisista na sociedade moderna. Ele aponta para a ênfase na individualidade e autoestima inflada na sociedade consumista, resultando em relações sociais superficiais e uma busca incessante por prazeres passageiros. A crítica de Lasch destaca como o narcisismo enfraquece os laços comunitários, comprometendo a solidariedade social e a formação de relacionamentos significativos. A seção seguinte explora as nuances dessa problemática, destacando a influência do narcisismo contemporâneo nas relações humanas, especialmente no âmbito do amor. A felicidade, muitas vezes buscada de maneira egocêntrica, torna-se o equivalente moderno da salvação. A análise do narcisismo revela a dificuldade de construir pontes genuínas entre o eu e o outro, desafiando o apelo do Papa Francisco para a construção de uma “cultura do encontro”. A segunda parte do texto mergulha em uma análise mais profunda, explorando a interseção entre teologia e psicanálise. Destaca-se a importância da subjetividade e da escuta na compreensão da condição humana, evidenciando como a externalização e a estetização na pós-modernidade impactam a construção da identidade. O diálogo entre teologia e psicanálise emerge como um caminho para resgatar a dimensão relacional, superando a polarização entre interioridade e exterioridade. A reflexão se aprofunda na compreensão do corpo como elemento fundamental na abordagem teológica e psicanalítica. O esquecimento do corpo e a negação do afeto são apontados como geradores de uma espiritualidade paranoica e repressiva. A ênfase na escuta, proposta pelo Papa Francisco, destaca a importância de reconhecer a dimensão do afeto e situar o sujeito em suas dimensões reais, superando projeções vazias e racionalizações. A conclusão destaca a necessidade de uma teologia que considere a corporeidade pulsional e vulnerável da pós-modernidade. O cuidado pastoral, inspirado na mística da Encarnação, é apresentado como uma abordagem honesta que reconhece a ferida aberta na humanidade contemporânea. Em última análise, a reflexão propõe que a resistência às armadilhas do narcisismo se encontra nas novas manifestações da corporeidade, onde a escuta e a esperança resistem diante das ameaças da morte.

## PARADOXOS CONTEMPORÂNEOS

O filósofo cristão Jean-Luc Marion argumenta que Deus revela-se a nós de forma incondicional e além de qualquer lógica previsível. Ele doa-se a nós sem limites e sem exigências, caracterizando a sua natureza como pura gratuidade. Essa concepção desafia visões tradicionais e abre espaço para um encontro pessoal e misterioso com o divino. O divino encontra-se na diferença, no outro que expressa o infinito, sendo impossível conceituá-lo de forma absoluta. Nesse sentido, a religião deve promover uma cultura do encontro e do acolhimento.

O Papa Francisco adota uma abordagem pastoral ao abordar a questão da gratuidade. Ele enfatiza a importância da misericórdia e do amor incondicional de Deus. Segundo o Pontífice, a gratuidade divina manifesta-se especialmente no perdão, na compaixão e na busca pela justiça social. Ele nos encoraja a sermos agentes dessa gratuidade em nossas próprias vidas, estendendo-a aos outros por meio de gestos de generosidade e solidariedade.

Ao considerarmos essas diferentes perspectivas, somos convidados a refletir sobre a gratuidade divina em sua totalidade, reconhecendo tanto a sua dimensão pessoal e misteriosa quanto a sua implicação na transformação do mundo. A gratuidade em Deus é um convite para vivermos uma vida de generosidade, compaixão e justiça, trazendo esperança e transformação para aqueles que a experimentam e para o mundo ao nosso redor. Também considerando a perspectiva psicanalítica, a relação interesseira com Deus pode ser vista como contraditória, pois se assemelha a uma relação narcisista. Essa concepção refere-se a um termo desenvolvido por Freud para descrever a fixação excessiva ou o amor por si mesmo. Segundo a psicanálise, o narcisismo é uma fase normal do desenvolvimento psicosssexual humano, porém, quando persiste de forma patológica na vida adulta, pode levar a problemas psicológicos. Christopher Lasch, um renomado psicanalista e crítico social, analisou a cultura contemporânea e o narcisismo na sociedade moderna. Ele argumentou que a cultura ocidental estava passando por uma mudança em direção a uma personalidade narcisista, impulsionada pelo consumismo e pela busca incessante de satisfação imediata.

## NARCISISMOS CONTEMPORÂNEOS

A sociedade consumista enfatiza o individualismo e a autoestima inflada, promovendo uma mentalidade narcisista. As pessoas se tornam cada vez mais centradas em si mesmas, buscando sua própria satisfação e gratificação imediata, sem considerar o bem-estar dos outros ou o impacto de suas ações na comunidade. Isso resulta em relações sociais superficiais, falta de comprometimento e uma busca constante por estímulos e prazeres passageiros. Lasch também criticou a indústria cultural e a mídia por promoverem um ideal de vida baseado na aparência, no consumo e na busca constante

por autoafirmação. Ele argumentava que a cultura narcisista estava minando a capacidade das pessoas de desenvolver relacionamentos significativos, compromissos duradouros e um senso de propósito e significado na vida. Ao criticar o consumismo, Lasch ressaltou que a busca incessante por bens materiais e o consumismo desenfreado estavam substituindo valores mais profundos, como solidariedade, responsabilidade social e autoconhecimento. Ele acreditava que o consumismo exacerbado levava as pessoas a dependerem de coisas externas para sua satisfação e felicidade, resultando em um sentimento de vazio interior e insatisfação crônica. Lasch e sua crítica ao consumismo e à cultura narcisista chamaram a atenção para os efeitos psicológicos e sociais de uma mentalidade voltada para o ego, que valoriza a gratificação imediata, a autoestima inflada e o consumismo desenfreado. Ele argumentava que essa mentalidade narcisista estava enfraquecendo os laços comunitários, a solidariedade social e o desenvolvimento de relacionamentos significativos. A relação interesseira com a religião se manifesta em uma sociedade narcisista, na qual o “eu” é o centro e o “outro” é marginalizado, e a gratuidade perde espaço para a busca por recompensas e pragmatismo.

A felicidade constitui a referência absoluta da sociedade de consumo, revelando-se como o equivalente autêntico da salvação (Baudrillard, 1995, p. 97). O filósofo francês insiste na formação de narcisismos contemporâneos associados à busca incessante pela felicidade, o problema é que apenas pela própria. Com frequência nos apegamos a um modelo único de vida e de mundo, normalmente o nosso mundo. Temos características constitutivas da nossa personalidade que tendem ao narcisismo. Por conseguinte, acreditamos que o que é nosso, em diversos âmbitos, é o melhor. O contrário também é verdadeiro. Muitas vezes, pensamos que não temos nada de bom e que não podemos assumir nada dos outros; pois, não temos essa ou aquela condição. Em ambas as situações, o outro e o seu mundo estão distantes, como colocados diante de um muro. Torna-se fácil levantar muros e difícil construir pontes, em detrimento ao apelo do Papa Francisco de que construamos a cultura do encontro: “o isolamento e o fechamento em nós mesmos ou nos próprios interesses nunca serão o caminho para voltar a dar esperança e realizar uma renovação, mas é a proximidade, a cultura do encontro. O isolamento, não; a proximidade, sim. Cultura do confronto, não; cultura do encontro, sim (FT, 30).

## **SABEDORIA DO AMOR**

O amor nos tempos de narcisismo apresenta formas de relação muito específicas, diferentes do que gerações passadas presenciaram. Amor não é uma força transcendente ao eu, como se viesse do destino, é uma construção humana e nesse humano está o divino. “Amar como Cristo significa dizer não a outros ‘amores’ que o mundo nos propõe: amor pelo dinheiro – quem ama o dinheiro não ama como ama Jesus – amor pelo sucesso, pela vaidade, pelo poder”, afirma Papa Francisco.

Alguns tentam encontrar segurança, certezas e acabam mergulhados em paranoias sem fim. No fundo, tudo o que leva para longe do humano passa também longe do amor. Tudo o que colocamos fora da subjetividade para dar conta do que sentimos, pode nos apresentar armadilhas. O problema é que há uma tentação de identificarmos o nosso eu com um elemento controlável. Precisamos nos aproximar do real, suportando frustrações e atestando vulnerabilidades. O outro é um reflexo, mas não de forma ideal. A relação com ele é uma desconstrução. É algo totalmente contrário ao mundo narcisista atual. Afinal, vivemos um mundo de supervalorização do eu e, por isso, não são muitos que estão dispostos a suportar a vulnerabilidade do outro, muito menos a sua própria. Pe João Batista Libaneo, que ressaltava constantemente a importância da escuta e da atenção ao cotidiano humano: “O cotidiano costura muitas iniciativas, muitas práticas pequenas, que enlaçadas vão formando uma transformação maior. Em vez de um grande projeto, pequenas ações. O cotidiano educa para uma entrega a uma causa maior a partir dos pequenos gestos” (LIBANEO, 1994, p. 34).

Esse é o mundo onde o habitar é movido pelo inevitável, onde tudo parece atender a urgente necessidade que a tudo sacraliza. Rebusca as longínquas terras da infância e, na potencialidade ali resguardada – no encantamento sem reservas, lá onde nos desvencilhamos do medo de estar entre o dizível e o indizível -, encontra modos para desconstruir a obviedade existente. Conclama-nos a penetrar por frestas da subjetividade, da liberdade individual, conscientes de que no império do necessário e da impossibilidade não há sujeito, não há liberdade, tampouco criação (BÊTA, 2012, p. 28). Embora não se trate de negar que o ser humano tenha uma tarefa a realizar, a luta pela ética é a luta pela liberdade, ou seja, luta para que possamos experimentar nossa “própria existência como possibilidade ou potência” (AGAMBEN, 2007, p. 9).

A sabedoria do amor é a compreensão do real a partir de uma significação original, mais original que a própria realidade, que exclui qualquer pretensão de conhecimento fechado ou sistemático, tanto no presente como em qualquer futuro previsível (LÉVINAS, 2006, p. 12). Essa renúncia não é o fracasso de um conhecimento limitado que comprove a grandeza do labor que se tem proposto, senão algo que se estabelece de antemão -uma compreensão do real e suas consequentes revelações humanas.

O narcisismo atual faz predominar um tipo de relação na qual o outro é retido enquanto serve para o próprio usufruto do sujeito, sendo dispensado ao menor indício de essa experiência relacional trazer desprazer ou conflito (BIRMAN, 2014). Assim, as relações intersubjetivas se localizam no registro da efemeridade. O narcisismo enquanto metáfora da condição pós-moderna cria possibilidade de extrair consequências do modo de ação do sujeito atual frente à sua realidade: “proporciona-nos ele [o conceito de narcisismo], em outras palavras, um retrato toleravelmente agudo da personalidade ‘liberada’ de nossos dias [...] sua superficialidade protetora, sua evitação da dependência, sua incapacidade de sentir, pesar, seu horror à velhice e à morte” (LASCH, 1983, p. 76).

Em uma outra perspectiva teórica, podemos sublinhar que o conjunto de características que, de uma forma ampla, permite apontar o modus operandi do sujeito atual se encontra no delineamento da chamada pós-modernidade.

## CONCLUSÃO

Em síntese, a reflexão sobre os paradoxos contemporâneos, que abrange desde a gratuidade divina até os desafios do narcisismo na sociedade atual, revela um cenário complexo e desafiador. A visão de Jean-Luc Marion e do Papa Francisco destaca a necessidade de uma abordagem pessoal e misteriosa diante do divino, promovendo uma cultura do encontro e do acolhimento. A crítica de Christopher Lasch à cultura narcisista ressalta os efeitos psicológicos e sociais dessa mentalidade voltada para o ego, que mina os laços comunitários e a busca por valores mais profundos.

Ao explorar a sabedoria do amor, a narrativa destaca a importância de uma compreensão do real a partir de uma significação original, que transcende a busca por satisfação imediata e narcisismo. A referência a São José como exemplo de humildade e capacidade de dar um passo atrás destaca a necessidade de construir relacionamentos significativos, promovendo a cultura do encontro em um mundo onde o individualismo e a busca pelo próprio interesse muitas vezes prevalecem.

Diante dessas reflexões, emerge o desafio de resistir à cultura narcisista, construindo pontes em vez de levantar muros, e promovendo uma transformação baseada em gestos de generosidade, compaixão e justiça. A busca pela gratuidade divina e a sabedoria do amor oferecem caminhos para uma existência mais plena e significativa, onde a atenção ao outro e a renúncia ao egoísmo são fundamentais para a construção de uma sociedade mais justa e humana.

## REFERÊNCIAS

Baudrillard, J. (1995). *La société de consommation: ses mythes, ses structures*. Paris: Denoël.

Bêta, J. (2012). *Entre o dizível e o indizível: ensaios sobre a experiência mística*. São Paulo: Paulinas.

Birman, J. (2014). *Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

Francisco. (2021). Carta Apostólica Patris Corde. Recuperado de [http://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost\\_letters/documents/papa-francesco-lettera-ap\\_20201208\\_patris-corde.html](http://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_letters/documents/papa-francesco-lettera-ap_20201208_patris-corde.html)

Lasch, C. (1983). *A cultura do narcisismo: a vida americana numa era de expectativas em declínio*. Rio de Janeiro: Imago Editora.

Lévinas, E. (2006). *Totalidade e infinito*. Lisboa: Edições 70.

Libaneo, J. B. (1994). Teologia da libertação e ideologia burguesa. São Paulo: Loyola.

Marion, J.-L. (2010). O visível e o revelado. São Paulo: Loyola.

Birman, J. (2014). Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

Lasch, C. (1983). A cultura do narcisismo: a vida americana numa era de expectativas em declínio. Rio de Janeiro: Imago Editora.